

S E R M A M

N O
OFFICIO DOS DEFUNTOS
Da Irmandade

D OS CLERIGOS RICOS DA CHARIDADE
Na Igreja da Magdalena

N O OUTAVARIO DOS SANCTOS,

Que disse, & offerece

A O I L L m o S E N H O R

D. L V I S D E S O V Z A

BISPO CAPELAM MOR QUE FOY DE S. M.
& do seu Conselho &c.

17

O Doutor JOSEPH DE FARIA MANOEL Capellão
de S. M. & Côfessor de sua Capella, & Caza Real.



EM COIMBRA.

Na Officina de J O A M A N T U N E S

Anno de M. DC. XCII.
Com todas as licenças necessarias.

S E R M A M

NO

OFFICIO DOS DEPUTADOS

Da Ilustração

DOS SERENISSIMOS REIS D. JOÃO VI

e D. ALEXANDRE DE ALBUQUERQUE

NO OUTAVARIO DOS SANTOS

JOÃO BATISTA

e ESTEVÃO

DE SÃO JOÃO DE SOUZA

BIPO CAPITAL MAIOR QUE FOY DE S. M.

& do seu Conselho etc.

O Doutor JOSEPH DE FARIA MACHADO Capellão

de S. M. & Côrdeiro de S. M. Capellão & Capellão



EM COIMBRA

Na Officina de J. G. A. M. A. N. T. U. N. E. S.

Anno de M. DC. XCIII

Com o seu Conselho etc.



AO ILLUSTRISSIMO SENHOR
D. LUIS DE SOVZA
BISPO CAPELLAMOR, QUE FOY
de S. M. & do seu Conselho, &c.



*ESTE Sermaõ, que he o segundo que dou
à Estampa, por satisfazer aos rogos da
minha Irmandade, disse em obsequio de
seu louvavel exercicio. Busca a V. Illus-
trissima pera apparecer, & bastou sò o conceito da
protecção de V. Illustrissima pera sem temor sair a
luz, & conseguir o resplendor que lhe faltava, dester-
rando todo o escrupulo de temeroso; que pera cõseguir
he necessario não temer; como disse Quintiliano: Dum
omnia times nihil conaris. Não he presunção pro-
pria pello risco de inculcarse benemerito, porque o pre-
zumir he desmerecer; assim o affirma Claudiano no
Cõsulado de Manlio: Nõ se meruisse fatetur; qui
meruisse putat. Mas he seguir o credito no amparo*

Aij

de

de V. Illustrissima aonde pertende achar mais obrigada a defesa nas resoens de taõ grande Prelado, & muy segura a proteçaõ nas esperanças desta humilde, mas voluntaria offerta de hum subdito. Assim o espero de V. Illustrissima de quem agora faço panegirico o silencio, porque a repetiçaõ dos merecimentos he pera os que querem ser mais do que a vultão, & não pera V. Illustrissima em quem todos conbecem as excellencias que veneraõ, & fora arriscarlhe o credito querer eu dizellas, porque a virtude publica se offende com a oraçaõ. Assim o diz Valerio Maximo. Virtus publica non sine offensione laudatur. Deos Guarde a V. Illustrissima por muitos annos com as dignidades que merece.

De V. Illustrissima

Subdito.

JOSEPH DE FARIA



Charitas nunquam excedit, Charitas omnia sperat. 1. ad Corint. 13.



CHARIDADE nunca acaba, a Chãridade tudo espera: assim o escreveu na primeira Carta aos de Corinto, entre outras muitas excellencias da Chãridade, o glorioso Principe da terra, o Doutor das Gentes, o Apóstolo S. Paulo.

Senaõ he a primeira vez ao menos ha de parecer novidade, que prègando-se de alguma acção fosse com texto que a encontrasse, & tambem he novidade subir eu hoje a este lugar com quem já tinha capitulado pazes, & assentado a espada [q̃ tambem he espada apalavra de Deos] & às vezes de dous gumes q̃ corta affiada por ambas as partes, ou sem haver respeito a nada, corta por tudo. E na verdade q̃ me rendia a bom partido por me sentir incapaz de taõ divina occupação; mas o ser subdito da Irmandade; & obrigado a quem me pode mandar me fes agora subir a este perigo, corra por sua conta o naufragio, pela minha, a obediencia. Venho a prègar aos Irmãos da Charidade vivos, dos Irmãos da Charidade defutos, & pera isto trago hum tema que dis que a
Char-

Charidade que não morre, & q̄ nunca acaba. *Charitas nunquam excedit*. Pois se a Charidade não morre & nunca acaba, como pode ser esta acção pellos Irmãos da Charidade que morrerão.

Mais. *Charitas omnia sperat*, a Charidade toda he esperanças tudo espera. Pois se a esperança he tormêto, muito bom he que vindo eu a solicitar alivios às almas dos defuntos, lhes apresente mais huma esperança. Dirmeão que a esperança de ver a Deos nas almas do Purgatorio, he alivio de suas penas, assim he: mas eu digo em rezaõ de esperança, quanto maior he o bem que se espera, tanto he maior a afflicção no que tarda, disseo o Spirito Santo, *Spes quæ differtur affligit animam*; & falla com as almas, & não com os corpos. Ora como poderemos conciliar a Charidade viva cõ os Irmãos mortos? *Charitas nunquam excedit*; & como havemos de compor o tormento da esperança com a diligencia do alivio? *Charitas omnia sperat*. Mas como das contradicções fae a verdade mais pura, das nũves mais claro o Sol, da noite mais bello o dia. Destas duas duvidas formarei hum discurso do acerto de minha eleição repartido em duas partes. Mostrarei na primeira q̄ a Charidade viva nos Irmãos vivos da Charidade, he toda a felicidade dos Irmão da Charidade defuntos. *Charitas nunquam excedit*. Mostrarei na segunda a rezaõ cõ q̄ os Irmãos defuntos da Charidade est

Prov. 14.
v. 12.

perão todo o seu bem dos Irmãos da Charidade vivos. *Charitas omnia sperat.* Ajustar-me-ey cõ affunto. E pois não posso prègar como hũ S. Paulo, seguirei a hũ texto de S. Paulo que possa ser fruito a hũas, & outras almas, de vivos, & defuntos. Pera isto he necessario o auxilio da divina graça.

Ave Maria.

I. PARTE.

Charitas nunquam excedit.

B Em me parecia a mim, que contra os rigores da morte sã tinhaõ jurisdicaõ as valentias do amor. Hua das mais rigorosas pensoens da morte, he morrerem os mortos tambem na memoria dos vivos. Hũa das maiores vitorias do amor he que viva nos vivos a memoria dos mortos. He a maior pẽsaõ dos que morrem o esquecimento dos que vivem, porque como os que morrem haõ mister ser lembrados pera serem focorridos, em faltando a lembrança nos vivos, he mais dilatada a pena no que padecem os mortos.

Não està tanto o mal em ser morto como em ser esquecido. Christo no desemparo de sua morte na Crus se queixava ja deste mal por boca de David. *Ps. 30. v. 13*
Qui videbant me foras fugerunt a me. Oblivioni datus sum

sum tanquam mortuus à corde. Os que viam morrer todos fogiraõ de mim [da morte todos fogem] & puzeraõme em esquecimento como morto. Duas couzas padecia Christo nesta occasiaõ, a saber morte, & esquecimẽto: morte pellos homẽs, & esquecimẽto dos homẽs, & sendo taõ grande mal a morte, sò do mal do esquecimento se queixa. *Oblivioni datus sum.*

Qual cuidais que he o mayor mal da morte? he o morrer? naõ por certo, porq̃ a morte he hum trãse muito commum, & muito breve. O maior mal da morte he o pagar depois as dividas, & fãtiszazer à divina justiça nas penas do Purgatorio. E este mal sò com hum bem se remedéa, que he o bem que os vivos fazemos pellos mortos, & se nos esquecemos deste bem, eys ahy o seu mayor mal.

Os mortos sãõ duas vezes mortos, porque sãõ mortos sobre serem auzentes; hum auzente dizem que he o mesmo que hum morto na memoria dos q̃ ficaõ; se bem este pode tornar, & ser lembrado; mas hum morto que o naõ haveis de tornar a ver nesta vida, he duas vezes morto, faltando tambem a esperança de o tornar a ver.

Naõ sey se reparastes já no louvavel costume de nossa May a Igreja Catholica. Manda ella que se lhes façãõ aos defuntos officio de corpo presente, & o officio de corpo presente vem a ser, que presente o corpo do defunto na Igreja à vista de todos se
lhes

lhes faça o officio, & se offereça a Deos sacrificio por elles. Agora pergunto eu; aquelle officio que se faz he ao corpo presente, ou à alma auzente? Claro està que he pella alma daquelle corpo que està auzente no Purgatorio. Pois porque lhe não chamaõ Officio dalma, senão officio de corpo? Ora vede a palavra que vay adiante tira a duvida [corpo presente] como se differa, o officio he pella alma, mas à presença do corpo se deve aquelle officio, mandando pòr sobre a terra à vista de todos. Entendendo a Igreja que a memoria dos mortos, sò vive na presença, & morre descuidada na auzencia às mãos do esquecimento, & à velocidade do tempo. Christo Redemptor nòsso, antevendo que despois de morto o havia de ficar tambem na memoria dos homens, antes de morrer deixou se no Sacramento do Altar, vivo na realidade, porem morto na representação, com preceito de que nos lembrassemos delle.

Hoc facite in meam commemorationē. Hac quotiescumq̃ feceritis in meam commemorationē facietis. Porq̃ como Christo queria de nòs todos os dias a memoria de seus beneficios, mandou que todos os dias lhe fizemos hum officio de corpo presente para ter segura nòssa memoria. *Hoc est Corpus meum.* Aqui està meu Corpo presente. *Hoc est.* E logo *in mei memoriã facietis,* & tereis de mim lembrança. *Hoc facite in meam commemorationem.* Havendo que a lembrança dos

Lac. 22.
1. ad cor.
11. c. 24.

Basil. mag
in cat.

mortos, sò na prezêça estava segura, porque os vivos sò haviaõ de viver consigo se o naõ tivessem a elle presente ainda que morto na representaçaõ. Disse o S. Basilio o grande. *Ut qui vivit, non amplius in se vivit, sed in eo qui pro eis mortuus est.* Pera que os q̄ vivem naõ vivaõ mais em si pello esquecimento, que na memoria de Christo morto por seu amor. Para lembrado de futuro, quiz se deixar presente.

Lembranças de sy morto [ainda que em representaçaõ] estima-as Christo tanto, que deixadas as maiores finezas, sò manda fazer publicas estas lembranças. Denos a prova a Magdalena, & pois estamos em sua caza valhamonos de seu favor.

Math. 26

Acabada aquella acçaõ em que a Magdalena ungiu a Cabeça de Christo em caza do farizeo, deffendendoa da calumnia com que os discipulos, & os mais a tratavaõ, rompeo o Senhor nestas palavras. *Amen dico vobis, ubicumq; predicatum fuerit hoc Evãgeliũ in toto mũdo, dicetur quod hæc fecit in memoriã ejus.* Affirmovos que aonde chegar a voz do meu Evangelho em todo mundo se ha de dizer o que esta molher fez para sua memoria. Ora reparemos nesta taõ notavel recommendaçãõ de Christo. Que acçaõ foy esta da Magdalena que tanto particularmente em Christo empenhou os affectos, & eternizou as vozes? Empenhou os affectos rebatendo as injurias. *Quid molesti estis huic mulieri?* Eternizou as vozes, *Amen dico vobis,*

vobis, quia, &c. Pergunto, a Magdalena não obrou outras acçoẽs que excediaõ, ou igualavaõ a cista? A Magdalena não se arrependeo de maneira que publicamente confessando seus peccados buscou a Christo na occasiaõ mais publica, reconhecendo sua divindade no ajuntamento mais nobre, no banquete mais esplendido, sem reparar em honra, pundonor, nẽ fidalguia do mundo? *Cum autem esset Jesus in Bethania in domo, &c.* A Magdalena não se lançou aos pès de Christo exemplarmente animosa, valerosamente resoluta, perfeitamente humilde, para que abraçada a tais pès podessem tomar pè suas vinturas que corriaõ tormenta no lamentavel naufragio de sua vida? *Stans retrò secus pedes Domini, &c.* A Magdalena não chorou penitente com tanto extremo, q̃ *Math. 26* na corrente impetuosa das lagrimas de seus olhos em cada huma que derramava, mostrava huma perola, ou hum custoso extremo do que sentia? *Lacrimis cepit rigare.* A Magdalena não foy taõ liberal que para alimpar os pès de Christo abriu huma mina de ouro, porque da de seus cabellos que afrontavaõ os rayos do Sol, fez huma toalha de mãos para enxugar aquelles pès, sendo a mais venturosa que logrou a occasiaõ pellos cabellos? *Capillis capitis sui tergebat.* A Magdalena não amou tãto a Christo, & foy seu amor taõ grande que nem da boca do mesino Senhor lhe sabemos os quilates, soubese que era muito, não se

fonbe quanto era; *Dilexit multum*. Pois se a Magdalenana teve naquella mesma occasiã todas estas acçoens juntamente quando ungiu a cabeça de Christo, porque rezaõ esta, & naõ aquellas, teve taõ soberano applauso? Se as mais foraõ de mayor, ou igual merecimento que esta, que privilegio teve esta, que naõ lograraõ as mais? Teve; que as mais foraõ obradas em obsequio de Christo vivo, & esta em memoria de Christo morto. O mesmo Christo o disse: *Mittens enim hæc hoc unguentum in caput meum ad sepeliendum me fecit*. Aquelle *Enim* he causal, he o porque daquelle estimaçã; porque eraõ memorias de sua sepultura.

Christo estav a taõ desejoso desta honra, taõ ciofo desta fineza que a Magdalena lhe havia de fazer, que provendo, se naõ havia de lograr na menhaã da Resurreiçã pois indo a ungiu morto, jã o havia de achar resuscitado. Ordenou sua providencia divina, por lograr a acçã que tanto estimava, que o ungiu com representaçoens de morto, jã que naõ havia de ser na realidade de diffunto. Assim o diz S. Remigio, *Et quia futurũ erat ut hæc mulier corpus domini mortuũ vellet perungere, Et tamen non posset, quia Resurrectione anticiparetur, idcirco Divina providentia actum est ut vivum Domini corpus perungeret*.

Oh morte como fazes esquecer! Mas oh Charidade como te fazes estimar! He necessario que os mortos vivaõ para lembrarem. [Quero dizer, que ainda que

Remigio
in catt

que mortos estejam presentes] & se hum corpo morto presente pode mais para as lembranças de huma alma ausente. Oh que venturofas são as almas de nossos irmão difuntos, pois não havendo já fumo de seus corpos mortos, se lembra a Charidade viva do fogo de suas almas! *Charitas nūquam excedit.* A charidade nunca acaba, & como pode ser acabar a verdadeira Charidade cujo centro natural como potencia sua, he a alma que ha de viver eternamente? Mas esta tão angelica, & tão adeosada pello bem que se emprega, em livrar da pena do fogo a quem nella padece, que se equivoca a vista, & não sabe se he Deos, ou se he Anjo, o que exercita tão excellentē virtude. Oh Charidade divina, & angelica com as almas! Ellas ardem no fogo vivo do Purgatorio com a esperança de se verem livres por vós. Vós ardeis [mas não vos queimais] no fogo vivo da Charidade para as livrar do fogo a ellas. Sois humas sarças ardentes, quanto mais abrazadas, mais brilhantes, em que a vista se equivoca entre o divino, & o angelico. Affligido padecia o povo de Deos a miseravel servidão de Egypto, & Deos sentindo-o, quasi o deu a entender com grandes ancias de o livrar. *Vidi afflictionem populi mei, descendi ut liberē,* &c. Apareceo a Moyfes naquella sarça mysteriosamente abrazada a quem a pertença do fogo, sò lhe servio de triunfo, & o crespo das chamas reverdeceo os espinhos. Curioso

Exod. 3.

Moyfes voou nas azas de hum desejo, a ver aquella grande vizão como ardia sem se queimar; appareceo Deos no meio do fogo, & disselhe que não chegasse. *Apparuit ei Dominus in flamma ignis.* A versãõ do texto Hebreo com os setenta lè assim. *Apparuit ei Angelus in flamma ignis.* Appareceolhe hũ Anjo no meio das chamas. Se he Anjo como he Deos? & se he Deos como he Anjo? Era a Charidade de Deos no grande do incendio, era a velocidade de hum Anjo na presteza do remedio, que tudo queria que ouvesse em Moyfes. E assim equivoquesse a vista, appareça Deos, & appareça Anjo: *Apparuit Dominus; Apparuit Angelus.* Quando apparecemos às almas de nossos Irmaõs com os nossos sacrificios, apparecemolhes como Deos, veyolhes Deos à ver. *Apparuit ei Dominus,* quando lhes ministramos estes sufragios, estes officios, estas caridades, parecemoslhes huns Anjos. *Apparuit ei Angelus.* E quando por nossos sufragios, & oraçõs se vem livres daquelle fogo, mais lhes parecemos Deoses que Anjos. Quem livra do fogo sendo hum Anjo, parece Deos.

Sonhava a vaidade de Nabuco hũa estatua fabricada de todos os metais, & por motivo desta mandou fabricar outra toda de ouro, & attribuindolhe fingidas divindades, a introduzio a ser Deos. A adulação, & o temor em infames sacrificios, & incensolhe offerecerão indignos cultos; não quizerão adorar a

rar a estatua tres mininos Hebreos, & foraõ metidos em huma fornalha ardentissima. Entregues à voracidade das chamas os arrojão prezos ao furor arrebatado do fogo. Mas quando entre os ardores se havião de escutar tristes gemidos, se advertem sonoras musicas, porque hum Anjo de Deos desceo do Ceo à fornalha com os mininos, & prendendo a actividade do fogo, sobreveyo huma lisongeira viração que os regalava. *Angelus autem Domini descendit cum Azaria, & socijs ejus in fornacem, & excussit flammam ignis.* Chegou o Rey soberbo a ver o que hia na fornalha, & vio que quatro ayrosos mancebos pelo meyo das lavaredas, como em hum deleitoso jardim, andavão passeando: admirouse, & reparou no numero, pois havendo mandado lançar no fogo a tres, via quatro; tres conhecia; o quarto admirava; porque sua fermosura era semelhante ao filho de Deos, *& species quarti similis filio Dei.* Quem deo a conhecer já a este Rey barbaro o filho de Deos? Se elle atè agora attribuiã a sy a divindade, como a reconhece, & confessa em outro? parece que com luz sobrenatural assentou consigo, que quem livrava de tal incendio, sò podia ser Filho de Deos. *Similis Filio Dei.* Agora o meu reparo. Se este quarto mancebo era Anjo que havia vindo do Ceo a acompanhar os tres mininos. *Angelus autem Domini, &c.* Com o agora diz Nabucodonosor que he Filho de Deos?

Deos? *Similis Filio Dei*. Porque o livrar do fogo a que nelle pudera acabar, he acção tanto para admirada, que sendo de hum Anjo parece Filho de Deos: he Deos no poder porque tem o poder de Deos, he Anjo no officio, porque este he o officio dos Anjos.

Ainda que não quizeramos, estava acomodado o conceito, & fechado o discurso, porque ser semelhante a Deos no poder. *Similis Filio Dei*. A quem compete senão aos Sacerdotes de quem o mesmo Deos disse, que eraõ Deoses? *Ego dixi Dñ estis vos*. E a quem o mesmo Filho de Deos deu o seu poder? *Data est mihi omnis potestas, eñtes ergo discere, quod cumque solueris erit solutum*. E o ser Anjos no officio, a quem convem melhor que aos Irmãos da Charidade: *Angelus autem Domini*. Ou já seja pella obrigação do estado, ou pella virtude deste exercicio? Mas que muito se o mesmo Deos he Charidade de que tanto

Ioan. 10
Ps. 81.

Ioan. 16.

vos prezais? *Deus Charitas est, & qui manet in charitate in Deo manet*. Em hũa Charidade eterna, em hũa Charidade viva q̄ nunca acaba, *Charitas nunquã excedit*: com que temos mostrado, & temos visto, no que dissemos, & no que obramos, que a Charidade viva nos Irmãos da Charidade vivos, he toda a felicidade dos Irmãos da Charidade defuntos. *Charitas nunquam excedit*.

Na segunda parte mostrarei a rezão com que os

Irmãos

Irmãos da Caridade defuntos esperão todo seu bem dos Irmãos da Caridade vivos.

Charitas omnia sperat.

M As porq̃ não pareça q̃ até agora hey prègado em cõmun, pois este discurso da Charidade pode cõvir atodos os q̃ a tiverem, & fazerem semelhantes sufragios, sem embargo de que a nõs primeiro, que a todos, respondo; que os mais fazemnos de Charidade, & nõs fazemolos cõ Charidade, porque a temos de caza; & sendo em boa ordẽ o principio, ha de começar de sy mesma, indo muita differença de hum a outro modo; & se a melhor Charidade he a que se uza com os defuntos, esta he em boa ordem, a que ha de começar de nõs mesmos. Samos obrigados pello titulo q̃ temos à Charidade dos Irmãos que tivemos. O titulo que temos he de Irmãos, Ricos da Charidade. E como nossos Irmãos difuntos tiveraõ, & tem este mesmo titulo, [pois acabáraõ em Charidade cõ Deos] alem de esta rem de posse, por este titulo nos demandaõ, com justo titulo nos obrigaõ.

Primeiro titulo. Irmãos.

D Iz S. Pedro que a Irmandade se ha de amar. *Fraternitatem diligite* E Amor suppoem uniaõ; logo em uniaõ de Irmãos [nesta mayor Caridade]

1. Petri 1. v. 12.

de] havemos de rogar pellos defuntos: Porque pera hum Irmão defunto he mais agradavel a Deos a oração da Irmãdade, q̄ outra qualquer oração. Naõ fique este discurfo se outro lugar da Magdalena, q̄ em sua caza se pre haõ de ser seus os melhores lugares.

Chamado da necessidade; fiel amigo, Christo, foy resuscitar a Lazaro. [Assistir as necessidades he amor, chegar se pera as bonanças he interesse]. E atropellando as dificuldades, que lhe punhão os discipulos, & os temores, q̄ podia cauzar o odio dos Judeos, chegou a Bethania, & chegou juntamete ao castello, a nova de que vinha Christo chegando. Estavaõ as Irmãs do defunto muito de nojo; mas ouvindo Marta a nova levantouse, & a toda pressa lhe veyo faiz ao encõtro, & Maria ficou se em caza. Mostrouse Marta a Christo sentida, assim da sua tardança, como da morte do Irmão. *Domine si fuisses, &c.* Cõsolou a Christo, & disselhe que seu Irmão resuscitaria. *Resurget frater tuus.* Começou ella a pòr duvidas dizendo; que isso feria pera o dia do luizo. *Scio quia resurget, &c.* Tornou a dizer Christo, q̄ elle era a verdadeira Resurreção. E ultimamete creõ Marta, & cõfessando em Christo a divindade, & o poder, volta a caza ja com mais alento, & chama a Maria sua Irmã dizendo que Christo a chamava. *Magister adest vocat te.* Naõ diz o Texto que Christo chamasse a Maria, Marta foy a que a chamou. Mas com que milte-

Ioann. 11.

Ioan. 16.

Ioan. 11.

12.

misterio? Logo o direi. Sahio Marta outra vés a bus-
 car a Christo que ainda não havia chegado ao cast-
 tello. *Non diu venerat Iesus in civitatē, sed erat adhuc
 in loco illo ubi occurrerat ei Martha.* Ainda estava no
 mesmo lugar a onde o deixara Marta. Ora quem não
 reparará nos vagares com que vem Christo a Betha-
 nia? Chegou a nova, veyo Marta, faloulhe Marta,
 foy chamar a Maria, veyo Maria falou a Christo. E
 Christo não havia ainda chegado ao castello? Que
 espera Christo com tanta detença; se vem a resuscitar
 a Lazaro porque o não fas logo? Dis S. João Chri-
 stomo que queria que viessem muitos, & lho pedissem.
Ut videatur rogari ab alijs. Mas eu ainda torno a per-
 guntar, se o ha de resuscitar, não bastava q viesse Mar-
 ta, senão que esperou que chegasse Maria? Sym: tudo
 teve misterio. Queria Christo resuscitar a hõ irmão
 defunto, & tem Deos particular complacencia de q
 lho peçaõ muitos. Mais digo; tem particular com-
 placencia de que lho peça huma Irmandade, por is-
 so com huma Irmandade não fas o milagre; vã Marta
 chamar a outra Irmã, juntese a Irmandade toda,
 & então resuscite a Lazaro; porque he mais a-
 grãdavel a Deos a oraçaõ, não aquella que a neces-
 sidade apresenta, se não aquella que encomenda o
 amor da Irmandade. Valente fiador de meu concei-
 to o mesmo S. João Chriostomo. *Dulcior autē ante
 Deum est oratio, non quā necessitas transmittit, sed quā
 Charitatis fraternitatis cōmendat.* Parece q elcureo o

*Chriost.
 in Marb.*

Santo Doutor estas palavras pera a nossa Irmãdade da Charidade. *Charitas fraternitatis cõmendat.* Logo se he mais agradavel a Deos o suffragio da Irmandade, obrigados estamos pello titulo de Irmãos, a fazer estes suffragios.

E pello titulo 2. de Ricos.

Não ha couza tão contraria entre sy como o Pobre, & o Rico. E cõ tudo o pobre he necessario ao Rico pera q̃ uze cõ elle de misericordia, & o Rico he necessario ao pobre pera que o focorra. Se ambos foraõ ricos quẽ os havia de soffrer? Se ambos foraõ pobres quem os havia de remediar? tudo assim ordenou neste mundo a sũma Providencia, mas com aquella consonancia, que o Rico focorra ao pobre, & o pobre seja remediado pello Rico. Em faltãdo esta proporção tudo se perde. Que importa ao Rico ter a caza cheia de bens, se tem a consciencia vazia? Oh miseravel Avarêto! quẽres ter bẽs, & tu não quẽres ser bom? Correr te debes de que teus bens tenham hum senhor tão mau. Que importa ao Rico a riqueza que tem, se não teme Deos que lhe deo essa riqueza? Sem Charidade o Rico he pobre, com Charidade o pobre he Rico. Não pode escapar da qui o Rico avarento.

Lisongeado da fortuna vive o Rico a seu prazer. E morreo a seu pezar. Era a sua meza tão esplendida, que a multidão das igoarias fazia duvidosa a eleição

ao gosto; porque ao mesmo tempo se via o appetite convidado de muitos manjares. Não puderaõ os regalos impedir-lhe a morte; porque de ordinario são os muitos, os que apressão muito a vida. Acabou o miseravel pera as dilicias, & começou as penas, que tãtas desordens algũ tempo haõ de ter fim. Morreo, & foy sepultado no Inferno morreo juntamente Lazaro, aquelle pobre exemplo de miserias, & o q̃ na vida foy horror aos olhos vello, na morte era aos Anjosagrada âbição servillo. Foy laudado pellos Anjos ao seyo de Abraõ, meteo Abraõ em seu seyo. Ao seyo de Abraõ pera q̃ não bastava q̃ Lazaro fosse ao lugar do descanso, senão q̃ havia tambem de descãçar nos braços de Abraõ? Sym. Porq̃ o havia de ver o Rico, & visse que fizera Abraõ no Ceo, o que elle não quis fazer na terra E que sendo Abraõ Rico, sò conservava a riqueza com a Charidade. Diffeo S. Pedro Crisolo; *Re vera parũ se beatũ credidit, si in ipsa superna gloria ab hospitalitatis pio cessaret officio.* Não se dava por de todo bemaventurado Abraõ, não se julgava Rico de todos os bẽs [que isso he ser bem aventurado] se ainda no Ceo não tivesse Charidade. Repreção foy q̃ deo ao Rico, & gloria foy que ostentou em Lazaro, pois mostrou, que na Charidade com que o soffreo, achou a riqueza, & o Rico a Charidade que não teve; lamentava a miseria. Diffeo S. Agostinho falãdo da Charidade. *In Charitate pauper est dives, sine Charitate omnis dives est pauper.*

Petr. Crisol.

S. Agost. 2.

S. Aug.

Temos logo entêdido que a riqueza está na Charidade, & pera conservar o titulo de Ricos, a havemos de uzar com nossos Irmãos difuntos, pois elles pela posse tem titulo, & nós pera conservar o titulo os havemos de conservar na posse; quando justamête esperaõ de nós estes sufragios, de cuja riqueza, de cujo thesouro se valem porque o amigo fiel he hũ thesouro vivo. *Amicus fidelis thesaurus vivus.*

Por rezão de Irmãos, de Ricos, & da Caridade.

Que a Charidade seja tambem titulo que nos obligue he tão certo q̄ não temos açãam pera deixar de a uzar, tâto q̄ ella se fes senhora de nossa vontade; por quanto dis S. Gregorio Papa q̄ não deixa ser senhor de sy a quem huma ves se vio obrigado della. *Mens quam semel affecerit Charitas, sui juris esse non sinit.* Obrigados estamos logo tambẽ por este titulo, subpena de não ser Irmão da Charidade, aquelle que a não uzar com seu Irmão. Assim o notifica o Evangelista S. João. *Qui viderit Fratrem suum necessitatem habere, & clauserit viscera sua ab eo, quomodo Charitas Dei manet in illo?* Como pode ser [antes não pode ser] Irmão da Charidade, aquelle, q̄ na necessidade, a não uzar cõ seu Irmão? E q̄ maior necessidade que a q̄ padecem nossos Irmãos no Purgatorio? quereis ver huma sombra do q̄ he? Ora ouvy hũ retratro de morta cor. Assim como for possivel dirvoshey hũa sombra, hũ fumo daquelle fogo.

S. Greg. Pp.

S. Ioann. 17

ON He o Purgatorio hũ lugar jũto ao centro da terra
 tão vezinho ao Inferno dos danados que sò hũa por-
 ta os divide, por isso ao Purgatorio chama a Igreja,
 porta do Inferno, pella vizinhança. *A porta inferi.*
 Que seja tehebroso, horrendo, & lamentavel he cer-
 to, pois he emfim lugar que a justiça divina deter-
 minou, não mais que pera penas da quellas almas. As
 penas que aly padecem são tão grandes, que sò Deos
 o sabe, que sabe tudo, & ellas que o sentem. Duas pe-
 nas padecem juntamente, de dano, & de sentido; a
 primeira sorte de pena com que são atromentadas,
 he a pena de dano que consiste em não ver a Deos,
 porque este he o maior dano que pòde padecer hu-
 ma alma. E he tal que as outras penas de fogo, & tor-
 mentos que a hy passão não se dis ser dano a respeito
 da quella, são sò penas de sentido. Esta a alma se ver
 a Deos privada de seu fim; inclinação natural, & bon-
 pera que foy creada, esta fora de seu centro. Quereis
 ver com os olhos da consideração que nial seja este,
 não em realidade, mas em sombra. Ota day a tẽção.
 O Ar como o seu lugar he andar sobre a terra, se acõ-
 tece alguma ves metese debaixo della, he tal a in-
 quietação que não para vendose puzo, até que
 fazendo tirriveis remembros, & estrohdofas violen-
 cias, rompe a terra, & a confunde, & a faz tremer,
 & temer, & fuz voar montes por esses ares, até que
 chega a seu centro, O fogo encerrado em hũa bom-
 barda [como seja o seu lugar por cima dos mais e-
 lemen-

lamentos] quando se vê ateado na polvora, & prezo, arrebenta com tanta furia, que se topar diante hum exercito inteiro, o lançará tão longe que nenhũa força humana possa chegar aly, salvo for cõ o pêsamêto.

Pois se nas creaturas insensiveis fõra de seu centro hà padecer tanta violencia, que serà nas sensitivas, & racionaes? he tão grande pena não ver a Deos, que Deos com todo seu poder, não pode fazer maior pena. A rezaõ he porque assim como Deos não pode fazer maior bẽ q̃ elle mesmo, assim não pode cauzar maior mal que privarnos desse bem.

A segunda sorte de pena, he outra que chamamos de sêtido, que molesta, & atromêta as almas, cauzada pello fogo. Este fogo he o do mesmo inferno, sò com hũa differença de ser temporal, & haver de acabar algum dia, quando Deos for servido. E sendo fogo material, & corporal, atromêta spiritualmête, imprimindo naquellas almas hũa qualidade acerba, inflictiva de dor, & levado, & esforçado pello divino poder, qual elle seja sò dirão os que o padecẽ. Todos os males, todos os incendios, todas as penas, todos os tormentos que ha, houve, & ha de haver nesta vida, são nada, são sombra, são imaginação, são vento, & a respeito da quella são como do vivo ao pintado.

Eis aqui a necessidade, eis aqui o q̃ padecẽ: pode ser mais? pode ser maior? pois tambẽ não pode ser maior a obrigação: satisfazêdo a esta cõ a Charidade q̃ de nos esperaõ. *Charitas omnia sperat.* Solicitamos pera nós a graça, pera ellas a gloria. *Ad quam nos, &c.*